

## **“SER FELIZ NO VÃO” - NO TRÂNSITO ENTRE AS ESPACIALIDADES RACIALIZADAS, NOS TRENS DA RESISTÊNCIA!**

*“BE HAPPY IN THE GAP” - IN TRANSIT BETWEEN RACIALIZED SPACES, ON RESISTANCE TRAINS!*

**Juliana de Souza Barbosa<sup>1</sup>**

<sup>1</sup> Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, RJ, Brasil  
julianasouzabarbosa20@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0003-4654-4241>

Recebido em 29 jul. 2021

Aceito em 24 ago. 2021

SER feliz no vão: um ensaio preto sobre trens, praias e ocupação de espaços. Direção: Lucas H. Rossi dos Santos. Produção: Baraúna, Coletivo Preto e Quarentena Voadora. Coprodução: 9Oitavos. [S. l.]: 9Oitavos, 2020. Vimeo, 12min.

Com um processo criativo singular, construído a partir de muitos atravessamentos subjetivos que contornam sua trajetória, o diretor Lucas H. Rossi dos Santos produz o documentário em curta metragem (12 min) intitulado “Ser feliz no vão: um ensaio preto sobre trens, praias e ocupação de espaços” onde tensiona o *racismo estrutural, as espacialidades e a resistência negra* a partir de imagens de arquivos na construção narrativa audiovisual.

O filme de arquivo, produzido em 2020, vale ressaltar aqui o ápice do contexto pandêmico, recebeu destaques na II Mostra Quilombo de Cinema Negro do Mirante Cineclube; na 24ª Mostra Competitiva Nacional de Curtas do festival de Cinema de Vitória; na Mostra Competitiva Brasil do 14º Cine Esquema Novo - Arte Audiovisual Brasileira; Menção Honrosa no 26º É Tudo Verdade – Festival Internacional de Documentários; Prêmio EDT (Associação de Profissionais de Edição Audiovisual) – Melhor Montagem de Curta, dentre outros eventos. Tais acentos permitem compreender que o curta metragem não se restringe, meramente, a um processo de colagem/montagem de arquivos/registros, mas configura uma produção que se apropria de arquivos e reportagens dos anos 1990 para lançar reflexões sobre a importância da memória audiovisual em relação à história de resistência dos negros e pobres nos espaços. Dessa forma, representa os entrelaçamentos temporais do passado, presente e futuro e as ressignificações que se expressam pelas vozes da diáspora africana; os racismos cotidianos; a luta pelo resgate da história e cultura afro-

brasileira, e, nesse sentido, o cinema de arquivo se constitui enquanto lugar de memória e luta constante.

O curta evoca vozes da diáspora africana, como Nina Simone, Tim Maia, Mano Brow, dentre outros, por meio de múltiplas linguagens - imagens, sons, dança, música - que se imbricam e expressam contradições, consonâncias e dissonâncias sobre o racismo estrutural e seus desdobramentos. No âmbito das espacialidades e da resistência no vão, o jovem e talentoso diretor Rossi nos convida a imergir no curta metragem “Ser feliz no vão: um ensaio preto sobre trens, praias e ocupação de espaços”, produção artística que tensiona questões concernentes aos espaços racializados; à segregação espacial; aos corpos pretos e pobres; à violação de direitos sociais; e, sobretudo, provoca o telespectador a refletir acerca das intersecções entre raça, classe e território/espaço.

O diretor de “Ser feliz no vão” aponta para uma produção artística engajada, comprometida com pautas sociais e políticas, tal como a fala do ativista dos direitos humanos e artista/músico nigeriano Fela Kuti, na entrevista utilizada no curta, em que afirma: “a arte não serve apenas para entreter, e sim para revolucionar”. Nesse sentido, a concepção de arte colocada pelo diretor contrasta com a ideologia do purismo estético e da noção de arte pela arte. Rossi compartilha desta perspectiva expressa por Kuti, na medida em que, dentro dos 12 min do curta, no frenesi dos registros e imagens, há um fio condutor que conecta os arquivos, os sentidos de cada corte: a causa ancestral, a luta contra as desigualdades raciais.

Deste modo, Nina Simone encontra a voz de Elza Soares, Fela Kuti dialoga com Tim Maia, Mano Brow e Kevin. São vozes da diáspora africana que estão em trânsito, transpassam gerações, temporalidades e nos convocam a dar continuidade à luta antirracista, seguindo em uma mesma direção.

A tônica que destaque do curta centra-se na percepção de como o racismo opera nas configurações dos espaços e no controle dos corpos que acessam tais espaços. Em outras palavras, trata-se de espaços racializados. Dessa forma, determinados espaços são lidos como territórios demarcados por uma classe social e racial autorizada (brancos, classe social favorecida), como evidenciado na fala altiva da jovem de classe burguesa que questiona o acesso das classes populares à praia nos dias de domingo de sol “deveriam pagar entrada”. No trânsito entre os espaços hegemônicos/autorizados e os espaços periféricos/não autorizados, estão os corpos

pretos e pobres que ousam “invadir”, e/ou romper as fronteiras das cidades, no vão da resistência.

“Ser feliz no vão” é uma crítica expressiva sobre as imbricações dos racismos nos espaços, desvelando a existência de um lugar e de um não-lugar. No entanto, Rossi constrói o curta tomando como chave interpretativa o vão. É no vão que ocorrem os deslocamentos, a resistência, a busca pela ocupação dos espaços por corpos pretos e periféricos. Nesse sentido, os trens são os meios pelos quais se efetivam estes deslocamentos da periferia e metáfora do *movimento/ trânsito* negro, afinal, *faz-se caminho ao andar*, como nos ensina o poeta espanhol Antônio Machado (1983).

A intertextualidade, tecida com a canção de Elza Soares “O que se cala”, também se manifesta em outros âmbitos das linguagens multissemióticas que dão forma ao curta. Levantando muitas questões sociais, pode-se dizer que o próprio fazer/processo artístico de Lucas Rossi é constituído por intersecções e encontros, como um método de trabalho muito “despretensioso”, nas palavras do diretor<sup>1</sup>.

Não apenas a crítica constitui o documentário, mas também a afirmação do negro, da negritude e da identidade da população negra. Aos sons dos batuques e da performance de corpos pretos emerge o poema “Me Gritaron Negra” (1960), da artista peruana Victória Santa Cruz, um símbolo da luta antirracista e referência na arte afroperuana. O recurso anafórico à palavra “Negra”, ao longo do poema, elucida e reforça os novos sentidos que o termo assume para este grupo social, de estigma a emblema, do negro enquanto ser desalmado, objetificado, aviltado, para sujeito social com história e ascendência africana, como afirma Jurema Werneck, “Nossos passos vêm de longe” (2009, p. 151)

É bastante intrigante essa abertura do curta a partir do poema “Me Gritaron Negra” (1960), pois já nos alerta sobre qual perspectiva o documentário está assentado: um olhar racializado. Não à toa, traz como subtítulo “um ensaio *preto*”. Este olhar permite compreender, a partir da história, aspectos relevantes sobre o racismo. Nessa direção, o uso dos arquivos em contextos e temporalidades históricas

---

<sup>1</sup> Falas do diretor Lucas H. Rossi dos Santos no evento realizado pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro/ Faculdade de Formação de Professores, com organização de Marcia Lisbôa e Flávia Nazareth - Coordenação de Graduação - FFP/UERJ, Grupo de Pesquisa Formação de Professores, Linguagens e Justiça Social – PROFJUS-FFP/UERJ e Grupo de Estudos Humanidades Digitais – FFP/UERJ. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=87gD\\_Xe5ZLs](https://www.youtube.com/watch?v=87gD_Xe5ZLs). Acesso em: jul. 2021.

distintas aponta para o caráter dinâmico e plural do racismo, que é estrutural e estruturante do sistema capitalista, sendo uma de suas engrenagens.

O olhar racializado presente no curta nos faz observar nuances das manifestações do racismo, de modo que não são apenas relações sociais que se efetivam nas praias, no trem, no ônibus, nos espaços, mas sim a naturalização das relações racialmente desiguais instituídas na produção social do espaço. Cabe, portanto, uma leitura espacial do racismo, perspectiva em alguma medida ainda negligenciada, apesar de o racismo ser uma relação social que se materializa no espaço, tendo em vista as determinações históricas e sociais (OLIVEIRA, 2020). As falas do rapper Mano Brown seguem nessa direção, pois convocam a periferia a dominar os espaços. Dessa forma, Tim Maia, quando afirma que “Rio de Janeiro era Angola e Angola era o Rio de Janeiro”, está, justamente, colocando em cena a questão dos espaços racializados.

Problematizar os espaços e suas ocupações a partir de uma ótica racializada é, a meu ver, um ponto central na narrativa audiovisual do curta. Tal questão nos auxilia na compreensão de como o negro foi inventado como um problema espacial pela branquidade desde o início de nossa formação, conforme pontua Oliveira (2020), bem como das políticas de branqueamentos dos territórios (SANTOS, 2012). Nesse sentido, o corpo negro aparece como elemento fundante uma vez que falar de espaço/território implica pensar em um território usado por um segmento social, por sujeitos sociais.

O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da resistência, das trocas materiais e espirituais e da vida sobre as quais ele influi. Quando se fala em território, deve-se, pois, de logo, entender que está se falando em território usado, utilizado por uma dada população. (SANTOS, 2000, p. 96).

É chocante perceber as possibilidades de análises que o curta suscita, dentre as quais está a violação de um direito subjetivo fundamental: o lazer. Este direito está inserido no capítulo dos Direitos Sociais que, por sua vez, está inserido no Título dos Direitos Fundamentais. No entanto, o curta aponta para a interdição desse direito para a periferia. As reportagens exibidas na TV dos anos 90 sob o título “*Os pobres vão à praia*” retratam esta realidade nas praias cariocas, destacando os protestos de jovens das classes favorecidas em relação ao acesso ao lazer pelos periféricos. Na

contramão desses posicionamentos, que engendram segregação espacial e racial brutal, os jovens pretos, pobres e periféricos reafirmam-se nos trens da resistência, em trânsito por entre os espaços racializados.

No trânsito entre as espacialidades racializadas, cabe questionar: Quais são as representações dos corpos pretos, pobres e periféricos nos espaços hegemônicos? “gente, sem educação”, gente que causa nojo e ojeriza por “comer frango com farofa na praia”? De qual lugar social partem tais perspectivas? Ainda é possível falar em direito constitucional das classes populares? E o lazer? O direito de ir e vir ratificado na constituição?

O documentário também suscita outras reflexões pertinentes, como a condição dos artistas e seus processos criativos de resistência no contexto de pandemia, em que muitos artistas não tiveram fomento para manter seus trabalhos. Portanto, o curta é também produto de muitas resistências. “Ser feliz no vão” é um trabalho árduo, coletivo, e de muitos olhares.

Diante disto, o curta metragem *Ser feliz no vão: um ensaio preto sobre trens, praias e ocupação de espaço* pode ser analisado pelo tripé: racismo estrutural, espacialidades e resistência. São três pontos de análise que dialogam ao longo do documentário, expressando contradições e consonâncias no debate da luta antirracista. Se, por um lado, o curta é uma denúncia acerca das violações sofridas pelo povo negro; o apagamento da história e cultura africana e afro-brasileira; a expressão do racismo nos espaços, por outro lado também pontua a resistência e a luta no vão. O documentário nos convida a descolonizar nossas mentes e espaços, bem como desconstruir a história única, arraigada e engendrada pelo projeto colonialista, afinal, como salienta Quijano (2005), o término do colonialismo não implicou o fim da colonialidade.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AGUIAR, A. C. Cinema e História: documentário de arquivo como lugar de memória. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 31, n. 62, p. 235-250, 2011.

ALMEIDA, S. **O que é racismo estrutural**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

MACHADO, A. **Proverbios y cantares**. Poesías completas. Madrid: Espasa-Calpe, 1983.

MUNANGA, K. **Negritude** – Usos e Sentidos. 4. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2020.

OLIVEIRA, A. D. O negro: um problema espacial. *In*: COPENE SUDESTE, 3., 2019, Vitória. **Anais** [...]. Vitória: NEAB/UFES, 2019. n.p.

OLIVEIRA, A. D. Questões acerca do genocídio negro no Brasil. **Revista da ABPN**, Goiânia, v. 12, n. Ed. Especial – Caderno Temático: “Geografias Negras”, p. 312-335, abr. 2020.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, E. (org.) **A colonialidade do saber: eurocentrismo e Ciências Sociais – Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. n.p.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SANTOS, J. R. dos. O negro como lugar. *In*: MAIO, M. C.; SANTOS, R. V. (org.). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ/CCBB, 1996. p. 219-223. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/djnty/pdf/maio-9788575415177-14.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2021.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, R. E. dos. Sobre espacialidades das relações raciais: Raça, racialidade e racismo no espaço urbano. *In*: SANTOS, J. R. dos (org.). **Questões urbanas e racismo**. Petrópolis: DP et al.; Brasília, DF: ABPN, 2012.

SER feliz no vão: um ensaio preto sobre trens, praias e ocupação de espaços. Direção: Lucas H. Rossi dos Santos. Produção: Baraúna, Coletivo Preto e Quarentena Voadora. Coprodução: 9Oitavos. [S. l.]: 9Oitavos, 2020. Vimeo, 12min.

WERNECK, J. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. *In*: VERSCHUUR, C. (dir.). **Vents d'Est, vents d'Ouest: Mouvements de femmes et féminismes anticoloniaux**. Nouvelle édition [en ligne]. Genève: Graduate Institute Publications, 2009. p. 151-163. Disponível em: <http://books.openedition.org/iheid/6291>. Acesso em: 15 jul. 2021.

**Sobre a autora****Juliana de Souza Barbosa**

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO/PPGEdu, integra o grupo de pesquisa Juventude, Escola, Território e Trabalho. (JETT). Mestra em Educação UNIRIO/PPGEdu. Especialização em Educação Básica no Ensino de Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ/FFP. Graduação em Letras pela UERJ/FFP e Música pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.